



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
CAMPUS AVANÇADO DE PATU
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E
RESPECTIVAS LITERATURAS**

ANNA LETICIA BEZERRA COSTA

**A MEMÓRIA DA DITADURA SALAZARISTA EM *A MÁQUINA DE FAZER
ESPANHÓIS*, DE VALTER HUGO MÃE**

**PATU
2023**

ANNA LETICIA BEZERRA COSTA

**A MEMÓRIA DA DITADURA SALAZARISTA EM *A MÁQUINA DE FAZER*
ESPANHÓIS, DE VALTER HUGO MÃE**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Vernáculas – DLV, do *Campus* Avançado de Patu – CAP, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, como requisito obrigatório para a obtenção do título de licenciado em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas.

Orientadora: Profa. Dra. Annie Tarsis Morais Figueiredo.

**PATU
2023**

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

C837m

Costa, Anna Leticia Bezerra

A memória da ditadura salazarista em a máquina de fazer espanhóis, de Valter Hugo Mãe. / Anna Leticia Bezerra Costa. - Patu, 2023. 47p.

Orientador(a): Profa. Dra. Annie Tarsis Morais Figueiredo.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Ditadura salazarista. 2. Memórias individual e coletiva. 3. pesadelos. 4. Valter Hugo Mãe. I. Figueiredo, Annie Tarsis Morais. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

ANNA LETICIA BEZERRA COSTA

**A MEMÓRIA DA DITADURA SALAZARISTA EM A MÁQUINA DE FAZER
ESPANHÓIS, DE VALTER HUGO MÃE**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Vernáculas – DLV, do *Campus* Avançado de Patu – CAP, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, como requisito obrigatório para a obtenção do título de licenciado em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas.

Aprovada em; 03 / 04 / 2023

Banca examinadora

Annie Tarsis Morais Figueiredo

Profa. Dra. Annie Tarsis Morais Figueiredo. (Orientadora)

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Maria Lara Alves Rocha

Profa. Ma. Maria Lara Alves Rocha

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Sidileide Batalha do Rêgo

Profa. Ma. Sidileide Batalha do Rêgo

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Aos meus pais, que nunca deixaram nada
faltar, a meu irmão e toda a família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado forças perante as dificuldades.

Aos meus pais Francisca Marineide Bezerra e Raimundo Gilberto da costa, ao meu irmão Igor Gabriel Bezerra Costa e a todos os meus familiares, por sempre tentarem me compreender e não deixar nada faltar.

A minha orientadora Profa. Dra. Annie Tarsis Morais Figueiredo, por toda paciência e aconselhamento.

As professoras Ma. Maria Lara Alves Rocha e Ma. Sidileide Batalha do Rêgo por se disponibilizar a ler e dar suas valiosas contribuições para este trabalho.

A todos os professores do meu curso que me acompanharam durante minha jornada, principalmente a minha professora Profa. Dra Aline Almeida Inhoti, por toda a compreensão e carinho nos períodos iniciais.

E todos os meus colegas de turma, em especial minhas colegas orientandas: Fayne Oliveira, Laura Xavier e Thayná Carlos, por nos mantermos sempre unidas e nos ajudando no necessário. E meus colegas Mábily Camily, Guilherme Mateus, Jaciara Paiva, Kaline Dantas, Vitória Dantas e Emanuela Alves, por todos os momentos em sala.

E, por fim, a todos que de alguma maneira ajudaram para a execução deste trabalho.

“[...] esse era o segredo que só o tempo guardava. só o tempo revelaria tal milagre. o tempo, e a sensibilidade de quem via o tempo diante dos olhos acabar-se a cada dia”

Valter Hugo Mãe, em *A máquina de fazer espanhóis*.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar as memórias individual e coletiva e os resquícios oníricos presentes no livro *A máquina de fazer espanhóis* (2016), do escritor português Valter Hugo Mãe. Por meio dessas perspectivas, percebe-se que as relações entre memória e história são necessárias para a compreensão do passado, ao qual o narrador-protagonista António Jorge da Silva (Sr. Silva) estava imerso em sua juventude, a ditadura de António Salazar (1933-1968). O senhor de oitenta e quatro anos, que após a perda da sua esposa é abandonado pelos filhos no Lar Feliz Idade, aos poucos, junto dos seus colegas Silvas, reconstrói suas memórias passadas, antes adormecidas com o tempo, e com isso renova marcas do passado, que quando lembradas o faz compreender a vida. Portanto, inicialmente, buscamos entender um dos motivos que levaram o idoso a escrever sobre os seus dias. Além disso, entender como o passado histórico vivido por Sr. Silva é retomado na narrativa, enquanto tem que lidar com novos sentimentos que surgem no decorrer de sua caminhada e, a partir desses sentimentos, lidar com os pesadelos que lhe assolam todas as noites e o medo da morte que se renova todas as manhãs. Conforme essas concepções, para esta pesquisa, foram necessárias as ideias de Beth Brait (1987) e Antonio Candido (2009), para as teorias literárias; também as contribuições de David Birmingham (2015), para a temática ditadura portuguesa; os conceitos de Maurice Halbwachs (1990), ao que concerne às memórias individual e coletiva e, por fim, Sidarta Ribeiro (2019), para os direcionamentos teóricos ligados aos sonhos e pesadelos.

Palavras-chave: Ditadura salazarista; Memórias individual e coletiva; pesadelos; Valter Hugo Mãe.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the individual and collective memories and the dreamlike remnants present in the book *A máquina de fazer espanhóis* (2016), by the Portuguese writer Valter Hugo Mãe. Through these perspectives, it is perceived that the relations between memory and history are necessary for the understanding of the past, in which the narrator-protagonist António Jorge da Silva (Sr. Silva) was immersed in his youth, the dictatorship of António Salazar (1933-1968). The eighty-four-year-old gentleman, who after the loss of his wife is abandoned by his children at Lar Feliz Idade, little by little, together with his Silvas colleagues, rebuilds his past memories, previously dormant with time, and with that renews marks of the past, which when remembered makes you understand life. Therefore, initially, we sought to understand one of the reasons that led the elderly to write about their days. In addition, to understand how the historical past lived by Mr. Silva is taken up again in the narrative, while he has to deal with new feelings that arise during his walk and, based on these feelings, deal with the nightmares that plague him every night and the fear of death that is renewed every morning. According to these conceptions, for this research, the ideas of Beth Brait (1987) and Antonio Candido (2009) were necessary for literary theories; also David Birmingham's (2015) contributions to the Portuguese dictatorship theme; the concepts of Maurice Halbwachs (1990), with regard to individual and collective memories and, finally, Sidarta Ribeiro (2019), for the theoretical directions linked to dreams and nightmares.

Keywords: Salazar dictatorship; Individual and collective memories; Nightmares; Valter Hugo Mãe.

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
2	A MÁQUINA DE FAZER ESCRITORES: EM LOCAL DE CIDADÃOS NÃO PRATICANTES	13
2.1	Construindo uma autobiografia: a escrita que nasce diante da morte .	14
2.2	Os pesares de herdar Portugal	19
3	EM LAR DE ABUTRES FAMINTOS, A MÁQUINA FAZ MEMÓRIAS	28
3.1	Narrador-autodiegético um processo de rememoração	29
3.2	Os abutres que desconstroem o Sr. Silva	36
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
	REFERÊNCIAS	46

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A literatura traz consigo inúmeras possibilidades de estudo, uma vez que ela proporciona uma representação de diversas realidades. Desse modo, viabiliza numerosas relações, dentre elas, as relações histórico-sociais. A literatura portuguesa contemporânea produz olhares atentos sobre a história, a sociedade e a ficção. Dessa forma, percebe-se um enfoque dado a intensificação da memória nessa literatura, proporcionando reflexões e um novo olhar sobre os diversos dilemas sociais que estão vigentes na sociedade.

A partir dessas outras aberturas, para se estudar o passado em obras literárias, esta pesquisa busca compreender como as concepções de passado e de memória individual e coletiva estão presentes na obra *A máquina de fazer espanhóis* (2016), de Valter Hugo Mãe, que é construída pelo ponto do narrador-protagonista António Jorge da Silva, um barbeiro de oitenta e quatro anos, que contra sua vontade, e após a perda da esposa, é colocado por seus filhos em um asilo chamado Lar Feliz Idade. A narrativa conta um pouco da trajetória de vida do Sr. Silva que, em meio a um novo local, se depara com sua própria história e as particularidades de cada interno.

O viúvo traz o aflorar de suas memórias junto com seus colegas, os Silvas, todos carregavam um passado voltado para a ditadura salazarista e para a figura de autoridade Salazar. Esse período histórico esteve e está presente na vida do idoso, em seus pensamentos e em suas decisões. A narrativa é um encontro de diversas memórias e um entendimento de si mesmo, em que ele tem de lidar com os seus conflitos ligados as suas vivências do passado e a sua imersão dentro de suas aflições e de seus sentimentos.

A obra em questão já foi contemplada com o Prêmio Oceanos (2012) e o Prêmio Portugal Telecom Romance (2012). Além disso, Hugo Mãe é detentor de diversos prêmios em sua carreira de escritor, como o Prêmio José Saramago em 2007, com *O remorso de Baltazar Serapião* (2007), ao qual recebeu elogios do próprio José Saramago. Valter Hugo Lemos, artisticamente denominado Valter Hugo Mãe, nome escolhido como assinatura de suas obras, nasceu em Angola e ainda criança, aos dois anos de idade, partiu para Portugal com sua família. Sua carreira na literatura se inicia com a criação de poesias que posteriormente findou em escritas de romances. Em suas narrativas, Hugo Mãe desenvolve os seus repertórios em enredos complexos

e cheios de significados. Ocasionalmente, aborda a dimensão psicológica de seus personagens e os seus conflitos existenciais.

Sob essa ótica, a nossa pesquisa tem a intenção de responder os seguintes questionamentos: a) Como a memória salazarista atravessa o romance? b) Como acontece o processo de rememoração do narrador-protagonista?; c) Como as concepções de memórias individual/coletiva afetam Sr. Silva?. Diante disso, este trabalho tem como objetivo geral compreender o papel da memória política dentro do romance *A máquina de fazer espanhóis (2016)*, com os objetivos específicos de: refletir como o período histórico da ditadura de Salazar está construído dentro do romance; analisar como o narrador resgata suas lembranças aos poucos dentro da narrativa; pensar como as rememorações do personagem o afetam tanto em sua vida quanto em suas questões internas por meio de pesadelos com abutres.

A leitura do romance possibilitou outros olhares sobre um assunto não tão comentado e encarado: os idosos passam por inúmeros desafios e são tratados como incapazes e frágeis na sociedade, uma vez que também levanta olhares sobre os fatos históricos, visto que são dados importantes na vida da sociedade. Dado essas concepções, este trabalho foi construído para conhecimento, à medida que se compreende cada vez mais o papel da memória política, que possibilitou também um outro olhar sobre a terceira idade e a velhice.

A escolha desse objeto se deu também por ser um livro repleto de um passado coletivo dos portugueses, a se tratar de um assunto tão complexo como a ditadura, um momento tão impactante para Portugal, assim, como foi no Brasil, um momento carregado de dificuldades, em que qualquer tentativa de se mostrar contrário a tal ato, traria graves consequências para tais pessoas. Dessa forma, percebe-se que esse tipo de pesquisa se acrescenta ao meio social, uma vez que traz reflexões sobre o passado, para um entendimento de tal situação, e não haja possibilidades de acontecer novamente, ao mesmo tempo em que este trabalho possa servir de fonte de ajuda e instrumento de pesquisa para outrem.

O livro em questão já foi estudado por outros autores, dentro do assunto memória, em alguns artigos e trabalhos de conclusão de curso publicados. Assim, como *“Representações da memória no romance a máquina de fazer espanhóis de valter hugo mãe”*, de Beatriz Sodré Ribeiro (2017). Porém, o nosso trabalho além de se envolver com a memória, também se desenvolve e tenta aprofundar nas concep es do mundo onírico, dos pesadelos que o narrador-protagonista enfrenta

todas as noites por meio do reflexo de seu passado dentro da ditadura. Tendo isso em mente, abordaremos um aspecto diferente da memória e dos sonhos e pesadelos, pois por meio dessas concepções, se traz um entendimento sobre a obra, que possibilita diversos trabalhos sobre a narrativa de Hugo Mãe.

Diante disso, este trabalho é cunho bibliográfico, uma vez que foram necessárias buscas em livros, artigos e estudos na área literária, na linha qualitativa e abordagem descritivo-interpretativo, pois segundo Durão (2015), não existe pesquisa sem interpretação, uma vez que a mesma está cheia de diversos componentes reflexivos, já que por meio delas que compreendemos e descrevemos diversos fenômenos, dentre eles, os sociais e os históricos. Dadas também as observações, as leituras e os conhecimentos prévios, a pesquisa também é de caráter indutivo-dedutivo.

Dessa forma, para sustentar as discussões foram necessários autores para embasarem as questões literárias como o livro *A personagem de Beth Brait* (1997) e Antonio Candido (2009), para um maior entendimento teórico acerca da literatura e análises de obras literárias. Também utilizando do estudo de Maurice Halbwachs (1990), em *A memória coletiva*, com suas descrições e seus direcionamentos relacionados à memória e história, além de suas ideias sobre a maneira como pode e ocorre essas lembranças, no que compete a memória individual e a memória coletiva. Junto de disso, *O Oráculo da Noite* (2019), de Sidarta Ribeiro, para a abordagem do inconsciente e de mundo onírico, como os sonhos são peças fundamentais para o entendimento de si.

Este trabalho está organizado em quatro seções que são: considerações iniciais, a seção que busca entender o motivo para que o senhor António Silva desse início em sua escrita, levando-o a escrever e documentar os seus dias no asilo. No segundo tópico, do primeiro capítulo teórico-analítico, analisamos como o momento histórico ditadura salazarista está presente na narrativa do narrador-personagem, à medida que ele reflete sobre a existência. Já no segundo capítulo teórico-analítico, analisamos como as memórias individuais e coletivas estão presentes e crescem dentro da narrativa, como também o motivo da lembrança de Sr. Silva e entender um pouco sobre como o seu passado afeta o presente, ao mesmo tempo que afeta o seu interior, demonstrado pelos sonhos e pesadelos.

2 A MÁQUINA DE FAZER ESCRITORES: EM LOCAL DE CIDADÃOS NÃO PRATICANTES

Para aprofundar-nos na vida de António Jorge da Silva, Valter Hugo Mãe constrói na sua escrita a relação ficção-realidade. Esse artifício faz com que haja uma aproximação do leitor e um entendimento do assunto tratado. Além disso, a obra de Hugo Mãe se utiliza do discurso indireto livre em suas páginas, estilo de escrita que foi utilizado em seus primeiros romances, denominados “tetralogia das minúsculas”¹, em que desprende-se de normas e de formas da grafia habitual, trazendo uma escrita inteiramente em letras minúsculas.

Com isso, Leonor Castro (2016) afirma em seu artigo *Valter Hugo Mãe: a intransigência na esperança pelo trilho de afetos*, contido no livro *Nenhuma palavra é exata*, que estuda a obra de Hugo Mãe, cita a forma de escrita escolhida pelo autor para seus primeiros romances, o discurso indireto livre: “uns acharam-na polêmica ou provocadora outros encararam como estilo ou liberdade artística” (CASTRO, 2016, p. 191). Referindo-se que sua opção levantou alguns questionamentos quando analisada, porém é por meio dela que é composto a tetralogia, que desenvolve em seus livros, o percurso de vida de uma criança até o último romance, que aborda a vida de um idoso, assim produzindo uma trajetória de significado, como Hugo Mãe comenta a Revista Vida Simples² :

Eu quis escrever a tetralogia para viver tudo rápido. Pensei assim: vou direto da vida de uma criança até a de um homem de 84 anos e percorro a trajetória humana. Assim vou viver com urgência e rápido. E, se de repente eu tiver de morrer, eu enganei um pouco a morte (HUGO MÃE, 2019).

Desta forma, percebe-se que a tentativa de encontrar estratégias, por mínimas que fossem, tivesse capacidade de transitar pelos períodos da vida para compreender um pouco da existência humana, para que, segundo o autor, de alguma forma, pudesse passar pelas fases da vida e, assim, viver rápido e sem arrependimentos, refletindo na sua escolha de escrita e os temas que foram abordados em suas obras.

¹ A tetralogia das minúsculas de Valter Hugo Mãe é composta pelos romances: *o nosso reino* (2004), *o remorso de baltazar serapião* (2006), *o apocalipse dos trabalhadores* (2008) e *a máquina de fazer espanhóis* (2010).

² Vida Simples. Valter Hugo Mãe e a Memória que permanece. Disponível em: < <https://vidasimples.co/transformar/valter-hugo-mae-e-a-memoria-que-permanece/> >. Acesso em 18 de março de 2023.

É por meio destas escolhas que Hugo Mãe encerra a tetralogia com *A máquina de fazer espanhóis* (2016), em que, mediante a isso, se foi construído o narrador-personagem Sr. Silva.

Percebe-se então que Hugo Mãe trouxe para sua narrativa um narrador que conta a sua própria história, essa que está também submersa em um período difícil da vida de todos os portugueses: a ditadura salazarista. E é importante, no romance, o ponto de vista do personagem para a construção de outra realidade, o aprofundamento na vida de um idoso e de um momento ao qual historicamente aconteceu, visto que a literatura traz cada vez mais uma abertura para se pensar a história.

Com base nisso, este capítulo tem por intuito compreender como se deu a formação da escrita do Sr. Silva e como o passado da ditadura é intenso em sua vida. No primeiro subtópico, intitulado *Construindo uma autobiografia: a escrita que nasce diante da morte*, compreende-se como essa formação de escrita foi estimulada e um dos motivos ao qual o idoso vem a escrever, dando início à sua autobiografia. Já no subtópico *Os pesares de herdar Portugal*, percebe-se como a ditadura esteve presente na vida do Sr. Silva, como esse período ajudou na formação do humano que ele representa e como aquele período foi responsável por sentimentos e ressentimentos.

2.1 Construindo uma autobiografia: a escrita que nasce diante da morte

Inicialmente, no Lar Feliz Idade, Sr. Silva se mostra relutante com sua nova moradia e, por meio de suas lembranças recentes, é possível perceber a mágoa de ser colocado em tal local por sua família, visto que é perceptível a influência que eles detinham sobre o idoso e como sempre fizeram um papel grandioso em sua vida. Porém, mesmo após um longo tempo a eles dedicado, se vê em uma circunstância jamais esperada, se sentindo abandonado por quem deveria o ter acolhido, neste caso, sua família. E, conjuntamente, tendo que lidar também com a perda recente de sua esposa Laura, como podemos ver no seguinte trecho:

estávamos encostados à parede, sobre o cortinado, como fazíamos na juventude para os beijos e para as partilhas tolas de enamorados. estávamos escondidos de todos, eu e a minha mulher morta que não me diria mais nada, por mais insistente que eu fosse o meu desespero, a minha necessidade de

respirar através dos seus olhos. a minha necessidade vital de respirar através do seu sorriso. eu e a minha mulher morta e se demitia a continuar a justificar-me a vida e que, abraçando-me como podia, entregava-me tudo de uma só vez. e eu, incrível, deixava tudo de uma só vez ao cuidado nenhum do medo e recomeçava a gritar (HUGO MÃE, 2016 p. 35).

Diante disso, mostra como a dor da morte da esposa foi impactante no Sr. Silva. Assim, desde o início de sua narrativa, é evidente que o amor que sentia pela esposa se tratava de um amor juvenil, que maturou junto com o tempo e resistiu até a velhice. O idoso cita, de forma angustiante, a perda de uma parte de si e o sentimento de impotência crescente, que transborda nas linhas da obra e atinge-nos de uma maneira forte. É perceptível o sentimento de dependência refletido sobre sua esposa, pois a amada o trazia vida.

O companheirismo da esposa e a vida de casal é o que ainda o mantinha em pé: “eu queria pouco saber se aos oitenta e quatro anos via minha própria mulher como a mãe necessária para uma sobrevivência equilibrada.” (HUGO MÃE, 2016, p. 31). Esse porto seguro que Laura representava, trazia ao Sr. Silva uma necessidade de cuidados, muitas vezes materno de sua esposa. Tal amor incondicional e duradouro era essencial para sua sobrevivência, porém, o suporte de seus dias se foi junto com a amada e ao perceber, depois de tanto tempo sozinho, em um local desconhecido por si, o faz sentir enraivecido e abandonado, em que essa não aceitação de sua nova situação o faz externalizar seus reais sentimentos.

A partir desse momento, nele nasce um sentimento de indiferença a situações e até mesmo aos próprios colegas de lar. Ao encontrar-se diante de sua nova circunstância e, em uma tentativa de manifestar um pouco do que sentia, surge em si uma necessidade de escrever e deixar para as futuras gerações, um pouco de seu sofrimento e conhecimento sobre o período em que vivia a Ditadura de Salazar. Além disso, surgiu também a tentativa de demonstrar situações sobre seus arrependimentos e atitudes passadas e presentes, ao mesmo tempo em que evidencia como é a perda de um grande amor e a vida de pessoas que foram abandonadas em um asilo. Por meio disso, é necessário entender como se deu o surgimento da escrita do Sr. Silva, que é o objeto aqui estudado, a sua “autobiografia”.

A narrativa surge com a entrada do Sr. Silva no Lar Feliz Idade, acontecimento que possibilitou a sua recapitulação de memórias passadas. Portanto, através dessas lembranças a sua autobiografia surge durante o período de adaptação no novo lar. No decurso de seus dias, aos poucos ele se afeiçoa a alguns internos, fazendo fortes

amizades. Tais futuros vínculos são responsáveis por incentivar o idoso no ato da escrita, esses estímulos vinham cobertos de bajulações dos amigos, visto que enfatizavam quão boa e digna de um grande escritor se tratava os registros em forma de cartas que Sr. Silva produzia, cartas que eram destinadas a outra senhora do asilo, Dona Marta. No trecho a seguir é possível perceber como se iniciou os incentivos:

essa pode ser a sua forma de praticar a cidadania, dizia o silva da europa. pense bem, deixar um livro cheio de poemas que fique para sempre a comunicar com quem lhes pegue, é como deixar uma voz amiga de toda a gente. pense no que é hoje ler o camões e como aquilo ainda nos diz respeito. pense como será deixar por sua mão algo que também chegue ao povo, para que o povo conheça e se entereça consigo e com o nosso tempo. ó colega silva, um dom desses é uma obrigação, faz de si um cidadão obrigado a um contributo muito especial. é do que precisamos. precisamos que cada um exerça aquilo para que a natureza o dotou e que favoreça o coletivo (HUGO MÃE, 2016, p. 172).

Dessa forma, percebe-se que o Silva da Europa se entusiasmava com a possível ação de escrita do Sr. Silva e com façanha de immortalizar sua época e seu tempo dentro de suas linhas, com o intuito de que suas palavras chegassem às mãos das pessoas e que todos tivessem algum conhecimento sobre ele, como também um pouco mais sobre o amor. O ponto de vista sobre o amor que o Sr. Silva podia transmitir com suas palavras, era o que o personagem Silva da Europa esperava, que ele deixasse um pedacinho seu para que pudesse no futuro ser uma parte para o coletivo. Após as alegações do amigo, o idoso sente-se vaidoso com a possibilidade. Todavia, mesmo após tanto incentivo, Sr. Silva tinha uma visão referente a prática da escrita:

talvez pudesse querer dizer algo às pessoas. calei-me um segundo e senti vaidade. depois pensei melhor. se escrevesse alguma coisa, alguma coisa que deixasse à humanidade como partilha de um sentimento qualquer, haveria de ser aterrador. gostaria de deixar um texto que os amaldiçoasse de verdade, como de mentira andam para aí tantos textos de bruxos e curandeiros. haveria de deixar-lhes um testamento de ódio a partir da morte da minha laura, para que ao menos parassem de louvar a deus e começassem a pôr nos objetivos coisas mais simples e lúcidas (HUGO MÃE, 2016, p. 173).

Diante disso, no trecho acima, a proposta, mesmo que animadora, traz ao narrador-protagonista uma reflexão sobre o que gostaria de partilhar com a humanidade. Fazer poemas de amor era inaceitável, pois o que passava dentro do asilo não iria refletir em suas palavras, visto que para Sr. Silva, a sociedade não

merecia a não ser de si, o ódio, não fazia sentido para o idoso partilhar tal sentimento como o amor, pois queria que as pessoas assim como si, sentissem ódio e percebessem que deveriam ser mais lúcidas em relação a suas vidas.

O início da construção da autobiografia e escrita de seu cotidiano não se dá apenas pelo incentivo de seu amigo, mas sim, é realizada como resultado de diversas partes de sua vida, como os quase cinquenta anos de seu casamento, seu profundo luto pela perda de sua esposa e o aflorar de suas memórias passadas, principalmente em sua nova fase dentro do lar Feliz Idade. Fazendo assim, com que o narrador-personagem dê o pontapé inicial em suas escritas, desta maneira, nascendo à criação de um narrador-autodiegético dentro do romance.

Hugo Mãe, em sua narrativa, traz como personagem principal um narrador-autodiegético. O fato de o Sr. Silva contar a sua própria história, aproxima-o do leitor. Franco Junior (2003) afirma que nas obras narrativas o narrador é fundamental para o desenvolvimento, uma vez que são responsáveis por contar a história como a voz fundamental da narrativa, enquanto o narrador-autodiegético, narra e conta a sua própria história, tendo uma maior compreensão de seus pensamentos, sensações e percepções voltadas para sua própria experiência, que de certa forma, traz um maior vínculo com o leitor. Além disso, Beth Brait em *A personagem* (1987) exemplifica como ocorre a construção desses seres fictícios e como são relevantes na composição de tal obra ficcional.

Com base nisso, Antonio Candido, em seu livro *A personagem de ficção* (2009), enfatiza que a natureza do personagem depende das intenções do romancista e do que ele pretende passar para seu público, fazendo assim, com que o enredo em questão torne esses seres fictícios “vivos”. Segundo ele, “A personagem vive o enredo e as ideias, e os torna vivos.” (CANDIDO, 2009, p. 39). Fazendo com que haja identificação de um personagem que traz sentimentos e vivências reais no dia a dia, cumprindo assim, com que se relacione ainda mais a ficção e a realidade. Por consequência disso, o Sr. Silva é essa representação humana, ficando cada vez mais fácil entender como ele se desenvolve dentro da narrativa e vai se construindo a cada novo capítulo do livro. Essa aproximação se dá pela atmosfera próxima que o narrador em primeira pessoa exala.

Mediante a isto, entende-se um dos grandes motivos por trás escrita diária do Sr. Silva, dado que o idoso estava comprometido a escrever a verdade do que sentia e vivenciava, pois de alguma maneira, colocaria para fora seus sentimentos e

externalizaria seus momentos difíceis. Seus registros surgem da necessidade de expressão que antes não lhe era possível, expondo assim, seus pensamentos, portanto, se vê em um momento que sente vontade de expressar o que experienciou, mesmo sendo inevitável sentir a dor da saudade e uma profunda amargura com sua realidade.

Dentro do lar Feliz Idade o Sr. Silva apostava em tentativas para que, de alguma forma, conseguisse resistir a seus dias no asilo, tendo em vista que *A Máquina de Espanhóis* (2016) se dedica a mostrar um pouco da existência humana e sua relação com a morte, visto que Antônio Jorge da Silva, em meio a sua velhice complexa, traz consigo constantes indagações, como a inquietação que o passado lhe traz a cada noite e a espera da morte que lhe é inevitável. Questões essas o atormentam, fazendo-o entender, em alguns momentos, que a vida está sujeita a morte, no fictício lar “Feliz Idade”.

Com o passar do tempo, em sua narrativa o tom de desabafo é perceptível, uma voz que representa um homem sobrecarregado de sentimentos conhecidos e desconhecidos, em que se encontra descontente com uma parcela do que viveu em sua vida e o que está vivendo no lar. Por meio de suas palavras é possível enxergar sua vulnerabilidade e receio de um futuro incerto e ao mesmo tempo conhecido. Nota-se também seu descontentamento com a perda de sua autonomia e uma enorme e real frustração por não ter sido preparado para tal realidade. Seu desabafo está cheio da mais profunda impotência:

que se fodam. que se fodam os discursos de falsa preocupação dessa gente que sorri diante de nós, mas que pensa que é assim mesmo, afinal, estamos velhos e temos de morrer, um primeiro e o outro depois e está tudo muito bem. sorriem, umas palmadinhas nas costas, de vagar que é velhinho, e depois vão-se embora para casa a esquecerem as coisas mais aborrecidas dos dias. (HUGO MÃE, 2016. P.37).

Esses momentos recheados de sentimento ressaltam a maneira em que a escrita de seus dias o ajuda a manifestar sua revolta, no qual a entonação e a força a qual o idoso extravasa seus sentimentos, colocando-os para fora, parece de uma pessoa que já está farta daquilo que vive, pois tem o intuito de expor a injustiça a qual está vivendo no momento. A maneira como o Sr. Silva tem que se portar perante o fim de sua vida o machuca, visto que percebe que a sua situação para os outros é considerada descartável.

O passado, na vida do Sr. Silva, se tornou um grande desafio em seus dias no asilo, pois a retomada desses pensamentos desperta lembranças que preferia ter esquecido, se tornando uma derrocada de sentimentos ruins. A medida que se encontra descontente e às vezes decepcionado com situações de seu passado, o faz refletir como tais situações se sucederam, dentre delas, a política sua própria solidão suas tristezas e angústias e, assim, estando cada vez mais submerso em meio a remorso e ressentimento.

A procura de justificativas para qual viveu tanto tempo, Sr. Silva se encontra diante da sua própria história, colocando em vigor lembranças de seu passado e revivendo assim alguns momentos que, para ele, foram felizes, o trazendo um pouco de paz, como a memória de seu casamento e seus encontros com Laura. Porém, o mesmo lembra-se também de más memórias e como precisou de muito cuidado para viver em um período ditatorial que dominou Portugal. Com isso, sentimentos de covardia e tristeza o incomodam durante os seus dias.

Desta forma, trazendo um pouco da representação histórica que Valter Hugo Mãe configurou em sua narrativa, que mostra como a figura de Salazar está diretamente ligada ao presente, como também ao passado dos homens portugueses, rememorando, assim, todo um passado de miséria e opressão que se revela aos poucos.

2.2 Os pesares de herdar Portugal

Como vimos no tópico anterior, Valter Hugo Mãe traz um narrador-personagem que se encontra imerso em uma densa memória histórica-social da política ditatorial, vivida pelo povo português, o salazarismo (1933-1968) que foi “o regime criado por Salazar, batizado por ele de ‘Estado Novo’ [...] era comumente descrito por seus adversários como um sistema fascista de governo” (BIRMINGHAM, 2015, p. 183). E se tornou, com o passar do tempo, um regime autoritário, autocrata e corporativista, que em sua vigência causou um enorme impacto, trazendo devastação e colocando a nação em falta de recursos e perda de um projeto coletivo.

A abordagem composta por Hugo Mãe traz a constante presença da ditadura salazarista na vida do Sr. Silva, esse período que tanto influenciou em suas memórias e como as de inúmeros cidadãos portugueses, formando assim, dentro desse governo, uma grande parte de sua vida, refletindo também em seu presente e sua

atual circunstância: “No lar feliz idade, António Jorge não encontra o amor, mas sim a possibilidade de visitar a sua vida e os ideais – salazaristas – a moldaram” (PIZARRO, 2016, p.186). Desta forma, faz-se inteiramente necessário compreender como esse momento na vida do idoso foi um divisor de águas.

A transformação humana se dá de diversas maneiras, uma vez que se está em constante troca de informações com o local ao qual estamos inseridos, aos grupos que pertencemos ou até mesmo a cidade em que nascemos. Essa troca está vinculada ao processo de formação dos seres, e recorrendo a isso, observa-se que o novo local a qual Sr. Silva está inserido, vai sim, complementar com uma troca de informações com o idoso, dessa forma, fazendo parte de seu crescimento. Tendo em vista que cada idoso do lar traz uma bagagem de situações a si internalizadas, podem repassar então, um ao outro, o fato já vivido, no caso a ditadura salazarista. Esse passado comum, entre eles, os liga de alguma forma, visto que foi um período difícil na vida de ambos.

Desta forma, a figura de Salazar surge em muitos momentos da narrativa de forma sutil, principalmente dentro de discussões dos internos que, com o passar do tempo, estreitaram os laços com o narrador-protagonista – os Silvas –, se é trazido à tona e revelado esse coletivo passado de opressão, que atingiu a todos de diferentes maneiras, mas durante o mesmo período:

o salazar foi como uma visita que recebemos em casa de bom grado, que começou por nos ajudar, mas que depois não quis mais ir-se embora e que nos fez sentir visita sua, até que nos tirou das mãos tudo quanto pôde e nos apreciou amaciados pela exaustão. a maioria silenciosa terá de emergir um dia, dissera-me por outras palavras o estudante comunista, tudo era para que praticássemos cidadania nenhuma e nos portássemos apenas como engrenagem de uma máquina a passar por cima dos nossos ombros, complexa e grande de mais para lhe percebermos o início, o fim e o fito de cultivar a soberba de um só homem. tudo contribuía para essa cidadania de abstenção, para que apenas a recebêssemos por título honorífico enquanto prosseguíssemos sem manifestação. como se humilham as mulheres enquanto homens honorários, nós éramos gente exclusivamente por generosidade do ditador (HUGO MÃE, 2016, p. 187-188).

Sr. Silva reflete nesse trecho a falsa sensação que Salazar trouxe consigo, com relação ao poder, dando ênfase a maneira sutil que chegou e adentrou nas casas e famílias da época, fazendo-se acreditar que só queria o melhor para o seu povo, passando de uma visita agradável para alguém que fazia a população sentir-se visita. Com o passar do tempo, mostrou ao povo suas reais intenções, os cidadãos deveriam

se calar e seguir suas orientações, para que pudessem se manter seguros durante esse tempo e, enquanto vivessem, deveriam acatar seus mandos e desmandos para conseguir ser alguém na ditadura.

Salazar, como uma figura imposta aos portugueses, chegou aos poucos e foi tomando parte do governo. Sr. Silva mostra como se deu a falsa sensação que o ditador deu aos seus governados, chegando de maneira sutil e, após algum tempo, mostrou-se realmente como um ditador controlador. Desse modo, fica claro a ênfase que é dada pelo narrador-autodiegético, ao qual ele afirma, com clareza, que só era gente, porque o ditador os permitia a isso, a necessidade de seguir o que lhe era imposto passou a ser uma obrigação.

O romance de Hugo Mãe não se trata apenas de uma recuperação do passado, ela reflete também as consequências que esse passado traz ao tempo presente, já que o narrador-personagem mostra sua vivência dentro de tal período e como esse fato movimentou grande parte de sua vida que, mesmo após tantos anos ainda, é refletida em suas memórias e inconsciente. Segundo Birmingham (2015), o ditador – Salazar – possuía um grande poder de persuasão sobre os cidadãos portugueses e até mesmo sobre os militares, tendo também uma grande relação com a igreja, o que pré-moldou grande parte dos pensamentos da época, como também o do idoso, que muitas vezes se sentiu omissos, tendo a consciência que o período amedrontou e acovardou os homens, porém, nada poderia fazer, pois a sua “liberdade” e a de sua família estavam em jogo.

O silenciamento dos portugueses era fortemente mantido: “nós éramos gente exclusivamente por generosidade do ditador”. Percebia-se o poder dessa figura perante a população e a grande pressão de como deveriam se portar e agir, de forma a que pudessem estar entre os “cidadãos de bem” perante o governo. Porém, mesmo com todas as condições contrárias a expressão e opinião na época, o Sr. Silva ainda tinha um sentimento de culpa: “portei-me como tal. Um mendigo de reconhecimento e paz, fui, como tantos, um porco.” (HUGO MÃE, 2016, p. 188), pois mesmo naquele período gostaria de ter tomado outras atitudes e ser mais corajoso e justo, lutar contra a opressão que assolava a população da época.

O plano político diretamente faz parte da narrativa e dos personagens, pois a ditadura de Salazar esteve presente em parte da vida dos senhores do asilo, como também na vida de inúmeros portugueses, utilizando-se, assim, desta autoridade para convencer, de certa forma, o povo a seguir suas crenças, na tentativa de manipular

as concepções de certo e errado que deveriam ser seguidas e acatadas, usando, por meio disso, o artifício do medo:

A relação entre a ditadura e a igreja era complexa, uma vez que esta última espera recuperar toda sua antiga autoridade por meio de um político fortemente católico, mas esse político estava determinado a assegurar a primazia do estado. Eles concordaram sobre a necessidade da quiescência obediente dos pobres e colaboraram com a promoção do culto místico de Fátima [...]. O medo repercutiu em ondas entre os supersticiosos e, assim, os peregrinos começaram a caminhar até Fatima a pé ou até mesmo de joelhos (BIRMINGHAM, 2015, p. 185).

Desse modo, vê-se, nesse período, como a relação entre a ditadura e a igreja foi um grande motivo para o aumento do temor do povo. A religião tende a mover e multidões desde o império romano³, onde cresceu também a relação política e religiosa. Assim sendo, é possível perceber o poder que emana de tal ligação, tendo em vista que ela levanta na população o temor do divino e desperta em seus seguidores uma obediência, muita das vezes sega, o que de certa forma foi muito proveitoso para o governo. Poder esse que se enfraqueceu após a revolução dos cravos⁴ e com a queda da ditadura.

Tratando-se de uma unidade muito influente na época, o apoio da igreja ao ditador, que se dizia ser católico, contribuiu para que Salazar conseguisse uma maior recepção da população, que era temente a Deus, aos quais seguiam as doutrinas da igreja, fazendo assim o medo ser um artifício de grande valia para o regime, sendo a religiosidade um grande aliado para o seu processo de alienação do povo português devoto, na qual “a igreja incentivou as dimensões históricas da prática religiosa em detrimento das formas mais intelectualizadas do culto e, com uma enorme basílica, o regime adotou Fátima como seu próprio santuário nacional” (BIRMINGHAM, 2015, p. 185). Fazendo com que esse apoio da igreja favorecesse a aceitação do povo perante o medo.

Durante o período ditatorial, foi comum ao governo que houvesse a criação de certos artifícios para a contenção do povo. Um deles foi o lema Fado, futebol e Fátima, conhecido como grande recurso de união e aceitação do regime, que tinha por objetivo uma unificação de seu povo “[...] a mensagem de Fátima tornou-se fortemente

³ O período a qual ocorreu a maior associação de igreja e estado, pois havia interferência direta do poder imperial às questões religiosas.

⁴ Movimento em busca da democracia que ocorreu de 1974 a 1975, em prol do fim da ditadura de Marcelo Caetano sucessor de Salazar em Portugal.

anticomunista e foi anexada aos vários simbolismos políticos do ditador com a frase *Fátima para a religião, fados para a nostalgia, e futebol para a glória de Portugal* (BIRMINGHAM, 2015, p. 186). Para se ter um maior controle, era incentivado essas três competências importantes na vida dos portugueses, trazendo assim uma caracterização redutora ao que realmente acontecia, unificando as maiores devoções e paixões nacionais, visando uma maior aceitação da população.

Não seria diferente para Sr. Silva, que também foi um seguidor de tais pilares, mesmo que por certo tempo, pois depois toma consciência de suas ações e enxerga o mesmo, de maneira diferente. O fado, como peça desse pilar, trazia em sua essência o nacionalismo, com todos seus valores e tradições, ao mesmo tempo que era uma grande marca artística de Portugal, enquanto o futebol trazia à tona a paixão e patriotismo, como podemos ver a seguir:

ainda hoje ouço os velhos comentarem que o paizinho fez tudo para que o benfica personalizasse a glória da nação [...] todas as pessoas passaram a ser benfiquistas encurralados, o que significava que eram benfiquistas porque a oposição já não era nenhuma e todos queriam adorar campeões, e era ver o entusiasmo do ditador com o futebol dos encarnados. [...] porque ficava o porto para uma paixão local e o benfica para o esplendor nacional, como pareciam ser equilibradas e corretas assim as coisas (HUGO MÃE, 2016, p. 93-94).

No trecho acima é possível perceber como o Benfica – time de futebol português – era uma paixão nacional, ao qual o ditador se orgulhava em investir. É perceptível nas falas do Sr. Silva a importância que era dada ao futebol na época, deixando claro como as paixões nacionais falavam mais alto e traziam uma maior “distração” ao povo, pois os acalmavam e exclamavam a sensação de esplendor nacional.

A imagem de Fátima significava a devoção e o catolicismo muito presente na época, sendo uma grande aliada para a ditadura, em que os relatos do idoso, ao decorrer de sua narrativa, esclarecem como a imagem de Fátima – Padroeira de Portugal – demonstra como a igreja, em si, detinha uma grande força dentro da ditadura, o que facilitava a alienação do povo e fazia uma “cidadania temente e tão bem-comportada” a perceber que isso era imposto e trazido até para as crianças e tratado como normalidade:

quanto as crianças daquele tempo estudavam o lá la ri lá lá ela ele eles elas
alto altar altura lusitos lusitas viva salazar viva salazar, toda a gente achava

que se estudava assim, por bem, e rezava-se na escola para que deus e a nossa senhora e aquele séquito de santinhos e santinhas pairassem sobre a cabeça de uma cidadania temente e tão bem-comportada. (HUGO MÃE, 2016, p. 94-95)

No trecho acima se torna claro que Sr. Silva via como as coisas aconteciam, mas não lhes eram dadas muitas opções, senão seguir o que o governo os impunha como normalidade. Em meio a essas concepções, nasceu e cresceu outro lema com mais três pilares, que eram impostos pelo regime para que fosse seguido pela população. Nesse caso, o pilar “Deus, Pátria e família”, se tornou o *slogan* do ditador vigente, ao qual os cidadãos deveriam seguir e implementar, com o objetivo de centralizar o poderio do governo em famílias e, assim, destacar esses “cidadãos de bem”.

A construção do personagem na narrativa, segundo Candido (2009), pode ter formações diferentes e, é a partir dessas formações, que podemos entender um pouco do que é necessário para a sua construção faça sentido: “como seres humanos encontram-se integrados num denso tecido de valores de ordem cognoscitiva, religiosa, moral, político-social e tomam determinadas atitudes em face desses valores.” (CANDIDO, 2009, p. 35). Dado essas concepções, fica claro que ideais como política, história, religiosa e entre outros são importantes na análise e entendimento da vida desses seres fictícios e formam o modo de ser e agir dos mesmos.

Como acontece com o narrador-autodiegético, uma vez que a religião era fortemente presente no período a qual vivia. Socialmente, a época da trindade Deus pátria e família, foi outra grande chave, junto de “Fado, Futebol e Fátima”, para a consolidação do governo da época e talvez as maiores apostas para se controlar, de alguma maneira, o comportamento populacional, à medida que os mantinham em uma linha que seria a desejada, levando-se em consideração que existiam pessoas contrárias ao regime. Porém, as mesmas sofriam perante a ditadura, por expressar e protestar suas opiniões, mas precisavam seguir o que mandava o governo, para que pudessem ser considerados legítimos cidadãos portugueses e para que fossem aceitos perante a sociedade:

prudência, uma sabedoria que vinha de família, de colocar a família no centro das coisas. eu deixava que a sociedade fosse apodrecendo sob aquele tecido de famílias de bem, um mar imenso de famílias de aparências, todas numa lavagem cerebral social que lhes punha o mundo diante dos olhos sublinhado

à lápis azul, para melhor vermos o que melhor queriam que apreciássemos. ai as glórias de salazar, eram tão grandes as pontes e longas as estradas. (HUGO MÃE, 2016, p.146)

No trecho acima é possível perceber como a organização família na época do regime era considerada muito importante, uma vez que era tão presada pelo governo da época, porém, mesmo que as “famílias de bem” se mantivessem em fachadas, por temer o que lhe poderiam acontecer, mantinham-se também em uma espécie de cortina, mascarando seus sofrimentos, alegrias e tristezas para que pudessem sobreviver naquele período.

Ao seguir esses pilares em grande parte de sua vida, Sr. Silva tinha muitos motivos para ser considerado uma pessoa feliz e abençoada, tinha seus filhos saudáveis, tinha uma bela esposa e um negócio próprio, mas essa não era totalmente a sua realidade. Na tentativa de seguir as características impostas pelo governo, fazendo com que sua forma de agir-pensar fosse diretamente afetada, além ter feito o que precisava e ter-se mantido firme dentro de muitas ocasiões, se arrepende de muitas atitudes tomadas pelo medo, o que abre em sua mente questões que terão que ser respondidas no futuro.

O barbeiro detinha sua visão sobre o regime: “*parecíamos um grande cenário de lego*”, desse modo, é perceptível que pessoas eram tratadas como peças que poderiam ser movimentadas a gosto do governo, mas, mesmo assim, naquela época seguiu tais pilares, pois o trazia um pouco de garantia para sua vida e a vida de sua família, como também a estabilidade de seu negócio: “viva Salazar, viva Salazar. Maria imaculada, mês de maio mês dos lírios e das rosas, mês de Maria, coração de Maria, dai-nos o vosso amor Santa Maria” (HUGO MÃE, 2016, p. 95). Trazendo em seu relato de casamento as honras a quem era importantes naquela época e traziam, de alguma forma, felicidade ao casal e esperanças, pois isso era lhes internalizado.

E por meio dessa repressão do governo, sentimentos como ressentimento e remorso tomaram conta da vida do idoso, após um tempo já dentro do asilo, pois em sua estadia vê cada pilar que um dia acreditou ruir perante seus olhos. Mergulhado em seus pensamentos e lembranças do passado, revive muitas situações que lhe foram guardadas no íntimo e revivê-las o afeta profundamente. A quebra desse pilar se inicia pelo elo família, que era tão aclamado perante o governo e que passa a ser uma decepção para Sr. Silva, após a perda de Laura, pois os filhos que o deveriam acolher em um momento de fragilidade de seu luto, foram também os filhos que o

visitava por “obrigação”, tendo em vista que a vida toda trabalhou e visou o bem-estar deles, sendo eles, nesse caso, os primeiros a o abandonar e colocá-lo no lar Feliz Idade:

passados vinte e três dias, elisa e o meu genro vieram visitar-me. traziam os meus netos, o miúdo e a miúda, e eu senti que já não poderia adiar mais o encontro. [...] fizeram fila no correr do roupeiro e permaneceram esticados como para a revista de tropas. verifiquei que estavam de gala, todos adomingados para me verem [...] e eu senti-me um idiota por ter julgado um dia que suas visitas iriam ser constantes, coisa do quotidiano, para que eu acreditasse ainda na união da família. que idiota fui, de facto, assumindo ali diante deles que se punham embonecados no disparate de acharem que assim devia ser para irem ver quem outrora viam todos os dias (HUGO MÃE, 2016, p. 60).

O narrador-personagem, ao ver como seria tratado por sua família, sentiu uma impotência perante tal situação, pois ele acreditava que as visitas a ele seriam periódicas, porém foram diminuindo cada vez mais, com o passar do tempo no asilo. A maneira de ir vê-lo, adomingados, despertou em si um sentimento tolo de que a família, que tanto protegeu e presou, o trataria com mais respeito: “senti-me um idiota por ter julgado um dia que suas visitas iriam ser constantes”, um elo que seria tão importante para a recuperação de seu luto, não foi o que era esperado, o abandono parental só o frustrou ainda mais.

Com isso, todo seu sofrimento acaba por levantar questionamentos perante a sua própria fé e seus pensamentos sobre as principais figuras religiosas que ele conhecia “chama-se mariazinha, afinal, é a santa das pombinhas. riram-se os dois como tolos. e repetiu, chama-se mariazinha, afinal, é como uma boneca qualquer, diz aqui o sr. silva.” (HUGO MÃE, 2016, p. 65). Muitas vezes ele repetiu tais dizeres, até afrontar o que um dia acreditou:

quando eu estiver para morrer não me tragam um padre, não permitam que me toque ou se ponha a rezar sobre mim. quando eu morrer quero garantir que não vou para o céu [...] se algum anjo me vier buscar, dizia eu, cortem-lhe as asas, afoguem-no, mas não o deixem escapar comigo por aí acima. quero ser deitado fora. metido para baixo da terra como ficam as coisas a que ninguém se lembrou de imaginar uma alma. não autorizo que me levem para o céu. não autorizo que me levem senão para o fundo porco da terra onde os bichos me comam e me poupem, para sempre, do incómodo de estar consciente da injustiça que é existir [...] eu, como desfiando em mim a heresia com que me entusiasmava (HUGO MÃE, 2016, p. 211).

Percebe-se que Sr. Silva trazia em seus momentos de raiva uma dessacralização símbolos de opressão religiosa, usando também da ironia para falar que, na sua opinião, essa figura na sua vida não fazia mais sentido algum, pois esse ser onipotente, que tudo pode, não o “ajudou” nos momentos que mais precisava: “seria obsceno que deus existisse, anísio, uma atrocidade. porque se deus algum dia existiu, e se tiver vergonha na cara, matou-se depois de tanta merda que fez.” (HUGO MÃE, 2016, p. 209). Assim sendo, fazendo com que o idoso criasse um certo desprezo e ceticismo sobre como essas entidades trabalham e, além disso, pelas pessoas que faziam parte daquela religião, os seus “irmãos, pois seriam as elas que poderiam realmente ajudá-lo de maneira concreta. Disso, só fez com que o idoso se enfurecesse mais com relação a religiosidade.

Com base nisso, é de fundamental importância perceber como o fato histórico e social da época foram significativos em toda a narrativa, uma vez que diz muito a respeito de como esse personagem pode ser construído com o tempo e sobre suas crenças e convicções, esse retorno ao passado trazido por Sr. Silva, mostra ao leitor detalhes para a maior compreensão do enredo. Na execução desse regresso a memória, o narrador-protagonista nos mostra momentos de seu passado, para entender-se seu presente, trazendo assim de seu passado o que foi vivido no período cheio de autoritarismo e opressão.

3 EM LAR DE ABUTRES FAMINTOS, A MÁQUINA FAZ MEMÓRIAS

Diante das perspectivas da seção dois, notou-se que as representações da ditadura na vida do Sr. Silva foi um dos motivos para voltar ao passado por meio de suas memórias que foram desencadeadas em sua nova realidade, o lar Feliz Idade, memórias que não lhes eram vividas como antigamente, fazendo com que essas lembranças funcionassem como um caminho para o seu passado. Com base nisso, a atuação da memória na obra revela uma ligação entre literatura e história, visando a narração de fatos passados com objetivos diferentes.

Dessa forma, este capítulo se propõe a fazer uma discussão sobre a memória coletiva e a memória individual, uma vez que estão ligadas ao processo de rememoração do narrador-protagonista. Em busca de compreender como se dá esse processo e qual a importância para a narrativa foram necessárias concepções como: *A Memória Coletiva*, de Maurice Halbwachs (1990); inconsciente coletivo, de *Carl Jung* (2002) e *as noções sobre sonhos*, de *Sidarta Ribeiro* (2019). A partir dessas concepções, o capítulo abordará como a memória foi um ponto importante para a construção de sentido do texto e, como a partir da memória e da interação entre os internos, foi possível a revisitação ao passado do Sr. Silva, como também abordagem de como esse processo foi de fundamental importância para a conscientização do protagonista.

Tendo em vista essas concepções, se faz necessário compreender um pouco de como ficamos suscetíveis a lembrar de alguns fatos passados, tendo em vista que memória e história, de certo modo, se interligam. Por meio disso, buscando compreensões sobre a relação memória e história, adotou-se as concepções do estudioso da área Maurice Halbwachs (1990), em sua obra *A Memória Coletiva* (1990), na qual aborda diversas maneiras de como se funciona o ato de lembrar. Referenciando a isso, afirma que, embora os episódios que aconteceram no decorrer da história aparentem não intervir tão profundamente nas pessoas, essa visão se trata de um equívoco.

Além disso, conforme Halbwachs (1990), a memória também opera como uma oportunidade de modificar as impressões que se tem sobre alguns fatos históricos, se dividindo em duas que seriam: “um interior ou interna, a outra exterior; ou então a uma memória pessoal, a outra uma memória social” (HALBWACHS, 1990, p. 55). Tendo

em vista essa divisão, é necessário entender que por mais parecida que for a história e a memória coletiva não devem ser confundidas.

3.1 Narrador-autodiegético um processo de rememoração

A máquina de fazer espanhóis traz em Sr. Silva um exemplo prático da existência da memória coletiva, uma vez que o seu presente resgata conexões com o seu passado, de maneira que o local que está atualmente inserido ajuda-o a relembrar acontecimentos passados. A narrativa e o fluxo de consciência trazido pelo idoso deixa clara a relação de seu passado e presente na obra. Halbwachs (1990) mostra que a memória não se trata de algo estreitamente pessoal, uma vez que a ela depende de outros contextos, como os sociais e os históricos. A história, em contrapartida, também pode passar por uma renovação, pois, por meio da memória, se tem um retorno ao passado. Ao considerar esses pressupostos, a memória evoca circunstâncias passadas e atuais, em busca de reestruturar alguns episódios.

No romance, a reestruturação das memórias se dá de maneira gradativa, essa revisitação do passado do narrador-protagonista traz uma maior atenção sob sua história e os acontecimentos que findaram em sua estadia no lar Feliz Idade. Assim, é importante ressaltar que essas recordações do passado enfatizam que a relação de memória e história se torna vívida quando o Sr. Silva se encontra submerso dentro de seu passado, onde a ditadura salazarista, enfim, mostra sua face e demonstra como causou impactos profundos na subjetividade dos portugueses da época.

Nos momentos iniciais da narrativa, a autobiografia de Sr. Silva debruça-se na memória individual e, por meio dela, inicia a sua corrente de pensamento, expressando os seus sentimentos e suas opiniões iniciais. Porém, o fato de estar em um local aos quais os internos têm passados semelhantes, em que os senhores que participam do arco principal conviveram diretamente com o regime de Salazar e por meio desse contato, o faz relembrar de alguns momentos de sua vida.

O grupo ao qual o Sr. Silva começa a criar laços dentro do lar Feliz Idade tem pessoas de diferentes vivências, porém, com momentos históricos em comum. Os seus colegas Esteves “sem metafísica”, Cristiano (Silva da Europa), o senhor Pereira e, por último, o Anísio (dos olhos luz) – os Silvas – compõem parte de seu processo de rememoração do passado, uma vez que Hugo Mãe, por meio deles, traz partes da memória coletiva de Portugal, pois através deles se é representado os portugueses.

A partir de uma maior interação com os senhores do asilo, o narrador-autodiegético passa a reviver a memória de um passado que lhe era distante, enquanto essas lembranças vieram assombrá-lo. É perceptível como a memória do idoso está vinculada ao período ditatorial de Salazar e sua grande autoridade e imposições perante os cidadãos portugueses, dentre elas, principalmente a família, a religião e a política. O fluxo dos pensamentos do Sr. Silva, em meio a sua narrativa, traz à tona memórias que o conectam com um passado que também é doloroso no seu tempo presente, e que pode vir a afetar de alguma maneira o seu próprio futuro.

Esse retorno as lembranças do narrador-protagonista, ao seu passado, surge no momento que ele precisa se relacionar à sua história, uma vez que aos poucos vai se conectando aos seus amigos e, assim, compreendendo a si mesmo, em meio as suas conversas diárias, se torna claro que esse passado em comum na obra é lembrado pelos Silvas, uma vez que o assunto retorna e assombra ainda os moradores do asilo “a ditadura colega silva, a ditadura que é que foi uma terrível máquina de roubar a metafísica aos homens” (HUGO MÃE, 2016, p.161). A constante citação a esse fato histórico, pelos senhores dentro do asilo, faz com que o Sr. Silva esteja outra vez de frente para o período.

Desse modo, vai crescendo aos poucos na narrativa o passado e as experiências de Silva, essas que o traz um retorno a memórias passadas. Por meio disso, é perceptível o quão foi significativo para a sua reflexão de vida que – mesmo contra sua vontade – fosse para o lar Feliz Idade, pois foi de suma importância esse convívio com outras pessoas para que se pudesse aflorar, em si, suas memórias adormecidas. Segundo Halbwachs (1990), as memórias que vivenciamos coletivamente tem por base o nosso individual e devem ser levadas em consideração, referindo-se a esse estudo o autor afirma que:

Certamente, se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias. [...] Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que trate de acontecimentos nos quais só nós vimos. É porque, em realidade nunca estamos sós (HALBWACHS, 1990, p. 25-26).

No excerto acima, vemos que o meio a qual se está inserido também colabora para despertar a manutenção de memórias antes adormecidas, uma vez que nossas

memórias não devem ser apoiadas somente nas lembranças, pois as recordações dos outros também trazem muito a agregar nas nossas, uma vez que as mesmas, mesmo sozinhas, continuam a ser coletivas. Então, é por meio dessa atmosfera propensa para as memórias que o Sr. Silva inicia a sua jornada e aprofundamento em seu passado.

A nova realidade do asilo e a modificação de sua rotina ajudam em seus pensamentos e retornos ao passado, retornando a pensamentos sobre como viveu e o que fez em seu passado. Esse novo local, que está cheio de memórias antigas, traz à tona novos sentimentos e novas sensações, dessa forma, dentro da solidão sentida pelo Sr. Silva, de algum modo, as lembranças vêm para preencher um pouco dessa vida solitária, um momento para que se haja uma busca e um reencontro com seu sentido de viver.

Dessa forma, em meio ao processo de revisitação de lembranças, há um capítulo intitulado *a promoção da beleza de se ser pobrezinho*, no qual aborda sobre a ditadura salazarista, principalmente, a lembrança de um dia ao qual Silva recebeu um jovem revolucionário em sua barbearia. Esse jovem tinha em mente se esconder, pois pessoas contrárias ao regime não eram bem-vistas aos olhos do ditador e Silva relembra esse momento:

terça-feira, dia cinco de setembro de mil novecentos e sessenta e sete. uns minutos antes de fechar a barbearia, já a luz apagada e o chão varrido, um homem assustado entrou por ali adentro e fitou-me [...] fitava-me ofegante, o olhar aterrado de quem fugia [...] eu olhei para aquele homem que ali se pôs diante de mim, emudecido de medo, e indiquei-lhe o compartimento interior da barbearia onde arrumava vassouras e panos velhos, baldes e outras tralhas. o homem imediatamente entrou ali e se agachou calado a fazer silêncio, a silenciar os pulmões aflitos (HUGO MÃE, 2016, p. 143).

No trecho acima é perceptível a lembrança exata de como o rapaz apareceu em sua barbearia, a riqueza de detalhes mostra que o acontecimento, para o Sr. Silva, foi um momento marcante em sua vida. O revolucionário, ao entrar na barbearia, temia até mesmo o Sr. Silva, que ali lhe observava, demonstrando sua aflição e medo de ser pego pela polícia política, Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE), assim como afirma Birmingham (2015): “[...] mas a deslealdade ao líder e qualquer questionamento da ordem social desigual eram reprimidos e tratados como subversão ou comunismo” (BIRMINGHAM, 2015, p. 187). Era inadmissível na época uma pessoa estivesse contra o líder e o seu governo e o que poderia acontecer com sua barbearia e com aquele rapaz, foi um dos motivos para que o proprietário o deixasse por hora

ficar a se esconder. Ao decorrer do tempo, o jovem passou a ser um frequentador assíduo do estabelecimento.

A aparição do jovem e sua constância em sua barbearia trouxe a Silva receios, pois naquele momento, ao qual estavam vivendo, “o que o estado novo menos queria de nós era a resistência” (HUGO MÃE, 2016, p.145). O jovem representava resistência a aquele governo, fazendo com que o Silva temesse pela vida do rapaz e por sua própria vida, pois o regime era rigoroso nas questões de pessoas que lhe eram contrárias. E essas visitas também eram repletas de tentativas de que o idoso abrisse os olhos para os acontecimentos do governo:

sabe, senhor silva, é preciso que se suje o nome de salazar para todo o sempre, é preciso que o futuro lhe reserve sempre a merda para seu significado, para que os povos se recordem como foi que um dia um só homem quis ser dono das liberdades humanas, para que nunca mais volte a acontecer que alguém se suponha pai de tanta gente, este tem de ser um nome de vergonha, o nome de um porco, para que ninguém, para a esquerda ou para a direita, volte a inventar a censura e persiga os homens que têm por natureza o direito de serem livres (HUGO MÃE, 2016, p. 150)

Visto isso, na visão do revolucionário era inadmissível que aquele homem estivesse no governo, uma vez que governava apenas para si mesmo e as autoridades da época. O mesmo via a figura de Salazar como uma pessoa que queria ser dono e comandar todas as pessoas ao seu bem querer, o jovem queria que a censura fosse acabada e que o nome de Salazar, no fim de tudo, fosse levado a lama, junto de seu governo.

Em meio àquela nova amizade, conversas sobre o assunto governo passaram a ser frequentes nas idas do rapaz a barbearia. O jovem queria que o Sr. Silva fosse ciente do porquê lutava e para que lutava, buscava o fim da ditadura que tanto restringia os portugueses e os colocavam em diversas situações pelo medo, dentre eles, do governo e da polícia política, porém, o receio de sofrer represálias e o medo do que poderia lhe acontecer, colaboraram para a tomada de uma decisão final:

no dia vinte e cinco de setembro de mil novecentos e setenta e um, um sábado, os pides entraram na barbearia às onze horas da manhã e levaram o rapaz, que já era um homem nos seus pequenos trintas [...] não revelou qualquer compaixão ou ligação a minha pessoa [...] deixou-se levar como se fosse um desconhecido [...] eu entregara-o três dias antes. os pides mandavam as perguntas à laura, que genuinamente não sabia de nada [...] percebi, ao fim de um tempo, que não desconfiavam de mim e dei graças ao meu espírito covarde e prevenido por ter proibido a presença de qualquer material propagandístico na barbearia (HUGO MÃE, 2016, p.185-186)

Ao longo dos cinco anos, com visitas periódicas à barbearia, o jovem, já não tão jovem assim, foi entregue a polícia política PIDE. Diante disso, é perceptível que, de acordo com o governo, era inadmissível que existisse uma pessoa que atentasse contra a honra do ditador vigente e fizesse qualquer tipo de propaganda partidária, deixando claro o sentimento de culpa a perceber que até, naquele momento, o jovem presou por si e não demonstrou nenhuma proximidade com o Silva na barbearia.

Silva que, em uma tentativa de preservar seu estabelecimento e sua família, e pelo medo de possíveis ações do governo, o fez tomar tal decisão, pois percebeu que as perguntas que começaram a ser feitas a Laura pela polícia política, o amedrontando, já que eles também rondavam os arredores da barbearia. Buscando o melhor para si mesmo, resolveu que seria a melhor opção entregar o jovem em busca da sua preservação, porém, tal decisão o trouxe arrependimentos ao idoso, que como vemos no trecho abaixo:

não contara a ninguém a história do rapaz, nem a Laura percebeu como me pus de bom pai de família entregando-o a polícia. ninguém soubera do quanto me amedrontei egoísta naquele tempo do regime. que homem cagão eu fui, um burro sonso a remoer por dentro as agruras de aceitar e aceitar sempre calado. não prezei nada que é amizade. (HUGO MÃE, 2016, p.189)

O fato de ter preservado tanto a sua família e a colocado em primeiro lugar, como o governo da época visava, o sentimento de egoísmo o cobriu e a família que tanto presou e viveu para sustenta-la e protegê-la, foi a que o mais o decepcionou, assim, depois de tantas vivências para que pudesse ser um melhor pai de família, só o trouxe decepções para sua vida.

Antônio carrega uma culpa, um remorso de se sentir omisso. Mesmo que tenha prezado por sua família naquele momento, não foi o que recebeu em troca da mesma. Sr. Silva sente uma culpa por não poder ter tido outra opção para aquela situação. Por meio desse episódio é deixado evidente um dos motivos de suas angústias e seus descontentamentos ao se revisitar o passado, traz o peso na consciência de algumas atitudes tomadas visando o bem-estar de sua família, que mesmo tendo boas intenções e os prezando, suas ações trazem em sua consciência um peso, da maneira que se acovardou e resolveu por entregar o até então amigo e ao lembrar-se vividamente deste episódio, o faz sentir tudo em grande intensidade.

O aprofundamento por meio das memórias corrobora o aflorar de novos sentimentos, dentre eles, o remorso e o ressentimento e, por meio deles, fazendo refletir sobre suas decisões passadas. O remorso, predominantemente, está vinculado ao seu passado com o jovem revolucionário, pois o sentimento de negligência ao salazarismo e o sentimento de culpa pela possível morte do rapaz vem o consumindo a cada dia mais. Assim, o fato de se sentir inteiramente culpado o faz remoer esse sentimento, enquanto o ressentimento está diretamente ligado à sua família e aos pilares que se impunha naquele período, como também o seu descontentamento de algumas atitudes de seus filhos que tanto prezou e cuidou durante o regime.

Esses novos sentimentos, que foram despertados no Sr. Silva, continuaram crescendo com o passar do tempo. No decorrer do caminhar dos dias, o narrador-autodiegético e em meio as suas noites de sono, surgem pesadelos que não costumava ter, acabando assim por tirar a sua paz. Esses pesadelos tinham forma de abutres, que vinham atrás de restos para se alimentar. Diante disso, o Sr. Silva enfatiza: “durante os meus pesadelos imaginava-se num dos quartos da ala esquerda a babar sobre os lençóis e a ver dezenas de abutres voarem no diante da janela.” (HUGO MÃE, 2016, p. 52). O Sr. Silva sentia como se a morte estivesse a sua espreita, à procura de seus restos para devorar e não lhe deixar nada, tais pesadelos tinham, na visão do idoso, uma fome pela morte, o qual o amedrontava todas as noites.

A construção de um mundo onírico na narrativa é de suma importância para compreender, de alguma forma, o que o narrador-personagem passava e suas experiências. Segundo Ribeiro (2019): “[...] o sonho é a força motriz de nossos comportamentos, a motivação íntima de nossa ação exterior” (RIBEIRO, 2019, p. 21). Tendo em vista que o sonho é simulacro da realidade e é constituído por fragmentos de memórias, percebe-se como ele é essencial para os seres humanos, visto que é por meio deles que se mergulha profundamente na inconsciência. Diante desse direcionamento, Ribeiro (2019) também afirma que não se tem controle sobre eles, mas que os sonhos estão ligados ao nosso interno.

Diferentemente dos pesadelos que grande parte das vezes são motivados por traumas: “O pesadelo pode preparar o sonhador para enfrentar perigos do dia seguinte, treinando roteiros de ação ou simplesmente aumentando o alerta” (RIBEIRO, 2019, p. 252). Tendo isso em vista, pesadelos podem atuar como anunciadores de que algum problema pode estar a acontecer, tanto no íntimo de seus

sentimentos ou na vida enquanto vivida, que pode preparar-nos ou anunciar que temos algum tipo de problema existente. O medo de ter pesadelos causa mais pesadelos.

No Oraculo da Noite, Sidarta Ribeiro (2019) afirma que: “A interpretação de um sonho pressupõe a compreensão profunda do contexto real e emocional do próprio sonhador, e pode ser extremamente transformadora”. (RIBEIRO, 2019, p.15). Então o real e o emocional estão intimamente ligados, sempre fazendo paralelos com nossas vivências, memórias e sentimentos como tristezas e alegrias.

Os pesadelos que atormentavam Sr. Silva às noites, geralmente seguiam o mesmo enredo, o idoso se encontrava em um dos quartos da ala de frente ao cemitério, respirando por meio de aparelhos e já debilitado de alguma doença e, por outro lado, abutres que o espreitavam e tentavam a todo custo se aproximar para devorar o que acham que já está sem vida, causando certa angústia ao idoso que clama por sua vida de alguma maneira. Levando em consideração a ligação do mundo onírico com o mundo real, entende-se que os pesadelos do Sr. Silva trouxeram um pouco de seus sentimentos mais profundos, então por meio dessa atmosfera onírica construída pelos pesadelos do Sr. Silva, demonstra-se como os sonhos fazem uma ponte entre o consciente e o inconsciente, como afirma Sidarta Ribeiro (2019):

O sonho é essencial porque nos permite mergulhar profundamente nos subterrâneos da consciência. Experimentos nos transcorrer desse estado uma colcha de retalhos emocionais. Pequenos desafios, modestas derrotas e vitórias cotidianos geram um panorama oníricos que reverbera as coisas mais importantes da vida, mas tende a não fazer sentido globalmente (RIBEIRO, 2019, p. 20).

Por meio disso, entende como o inconsciente e o que se passa nas pessoas em seu interno. Ribeiro (2019) afirma que os sonhos são portas para o inconsciente e, por meio deles, entendemos um pouco do que se passa na vida das pessoas e como elas reagem a momentos passados, percebendo assim, como esses sonhos, pesadelos e atmosferas oníricas, vêm de algo anteriormente vivido ou sentido. Por isso, foi de suma importância o conhecimento de aspectos do mundo onírico para desenvolver sobre os pesadelos do narrador-autodiegético.

Segundo Carl Jung (2002), em sua obra *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*, o mundo onírico é uma ferramenta ótima para estudo, já que por meio deles é possível entender as informações que interligam o inconsciente com a realidade e,

compreender também, um fundamento de uma coletividade. Visto isso, os sonhos produzidos pelo idoso não estão na narrativa por acaso, pois eles representam sentimentos mais profundos e intensos existentes.

Os abutres, comumente conhecidos como os devoradores de carnes em decomposição, traz uma grande representatividade da morte na narrativa. Porém, essas aves não estão ligadas a apenas representações ruins, como afirmam Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, no *Dicionário de símbolos* (1982), também podem ter outros significados, dentre eles: “[...] um purificador, um mago que garante o ciclo da renovação, transmutando a morte em nova vida” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1982, p. 52). A alegoria dos abutres na obra, metaforicamente, representa uma assombração, não só da morte, mas também de um passado coberto de culpas e arrependimentos que o consome aos poucos todas as noites, como se vê no trecho:

vejo uns pássaros pretos, abutres, a voarem em cima da minha cabeça. é criação dos seus olhos, aqui não entra nem moscas, as janelas não abrem. eu sei, mas acho que é uma forma de ter medo. julguei que não tivesse medo de nada. mas tenho. tem de quê. de ser desfeito, de a morte me desfazer, não sei (HUGO MÃE, 2016, p. 231).

Para o narrador-autodiegético, os abutres representavam o medo de algo inevitável, mas também desconhecido, que começou a persegui-lo até em seus momentos conscientes e esse medo, que só lhe afligia enquanto dormia, passou a o alarmar acordado, o receio de que os abutres achassem que realmente morreu o corroía aos poucos. Sua relação com os pesadelos foi ficando mais estreita com o passar do tempo, ao ponto de confundi-los com sua realidade enquanto acordado, chegando a momentos em que eles distorciam a sua realidade e o fazia perder o controle de seus atos.

3.2 Os abutres que desconstroem o Sr. Silva

Memória coletiva e inconsciente coletivo foram conceitos fundamentais para entender um pouco do processo de revisitação de memórias, uma vez que Halbwachs (1990) afirma que as memórias são construídas pelo resultado de interações com um coletivo e que, através desse coletivo, são formadas e resgatas as memórias. Além disso, Jung (2002) diz que as pessoas de uma sociedade estão comumente inclusas

em comunidades, desse modo, afirma que cada indivíduo faz parte de um conjunto ao qual é afetado pelo ambiente em que vive, ao mesmo tempo que o modifica, agindo assim como grandes influências e influenciados perante a sociedade.

À luz dessas concepções, percebe-se, que ao decorrer da narrativa, a necessidade do idoso por sua história foi suprida pouco a pouco, tendo início com o encontro com o coletivo dentro do Feliz Idade e, assim, se afluindo. É indubitável que, diante dessa situação, foi possível entender que essa proximidade com outros internos foi um dos motivos para sua visita ao passado, resultando assim em uma manutenção de seus pensamentos. Por meio dessas memórias regatadas e de viagens ao seu inconsciente, trouxeram a Sr. Silva um processo de crescimento, amadurecimento e uma nova visão sobre seu passado.

Segundo Beth Brait (1987), o processo de crescimento e entendimento de si, mesmo na narrativa, é de suma importância, pois uma vez que essas narrativas têm o foco principal de que o personagem se expresse por ele mesmo, como por exemplo, em um diário íntimo, memórias ou diálogo interior, que é necessário expor sua interioridade para que se tenha um maior entendimento sobre como se dá a existência dessa vida, uma vez que também será possível ver e entender os momentos importantes e decisivos para a sua existência. Assim, o crescimento dos personagens é o que o aproxima cada vez mais ao leitor, fazendo com que seja possível uma maior ligação com o público.

Deste modo, o caminhar para a aceitação da sua história e do seu passado não foi nada fácil, já que sua chegada ao asilo foi coberta de sensações e de sentimentos não tão agradáveis. Para que o idoso se entusiasmasse com o fato de poder fazer novas amizades e ter conversas com outros idosos do lar, não era um momento ao qual deveria ser aberto a novas experiências, pois o sentimento que predominava naquela situação era o luto, e aquela ocasião para Sr. Silva não era cabível para aproximação, uma vez que o traria incômodo como nota-se no trecho abaixo:

disseram-me que o jantar seria dali a três horas e que, até lá, poderia descansar ou descer para conhecer os colegas que, como eu, caminhavam para o pó com maior ou menor intensidade. decidi ficar sozinho, incapaz ainda de enfrentar o meu problema multiplicado por todos os lados. deitei-me sobre a colcha e julguei que talvez devesse exteriorizar a raiva que aumentava dentro de mim. aquele desespero motor, como dizia, absolutamente físico, talvez devesse dominar-me de uma vez por todas para mostrar que a idade ainda não me tirara o sangue (HUGO MÃE, 2016, p. 40).

Com seu sentimento de luto e abandono, o narrador-autodiegético tentou de alguma maneira se abster de aflorar ainda mais o que sentia. Dessa forma, decidindo que não queria se encontrar e criar laços como os idosos do lar, pois sentia-se despreparado para ver, em outras pessoas, a si mesmo, e ter que lidar com o que estava sentindo espelhado nos outros idosos. Assim, acreditava que por meio deles, estaria de frente e se preparando para o que lhe seria inevitável caminhar para o pó junto dos colegas e ver suas angústias e seus medos refletidos nos outros, fez com que preferisse inicialmente se abster de contatos.

O lar tinha capacidade para setenta e três pessoas e para que Sr. Silva pudesse entrar, alguém teve que sair, e mais uma vez diante da morte e da facilidade em que um idoso foi repostado dentro do lar, o Sr. Silva se sentiu intruso no local que deveria o trazer acolhimento, como lê-se: “era um intruso que não choraria pela dona Lurdes, que não conheci, e não entendia ainda o quanto a minha posição poderia ser arrogante, sem querer grandes contatos (HUGO MÃE, 2016, p. 43). Não queria contatos, não conhecia pessoas que supostamente já tinham seus laços e suas amizades estabelecidas, pelo tempo que se encontravam dentro do asilo, uma vez que nem choraria pela senhora que morreu para que ele pudesse entrar.

O sentimento de não pertencimento foi um dos motivos para a recusa inicial de contato com os outros internos. Porém, com o passar do tempo, o Sr. Silva fica mais aberto e suscetível a conhecer novas pessoas. Um dos internos, ao qual se aproximou com o tempo, foi o Sr. Pereira, que em uma conversa com o idoso, iniciou um laço importante no futuro. Com o passar do tempo, foram ficando mais íntimos e, por consequência dessa proximidade, lhe foi possível encontrar outros internos com quem pudesse conversar e falar dos seus dias, do seu passado, do seu presente e até mesmo do seu futuro.

Em meio a narrativa, os laços afetivos, antes inexistentes, foram crescendo à medida que se aproximava de seu colegas ao qual se afeiçoou. Essa proximidade teve um aumento gradativo e, por meio disso, começaram a compartilhar, entre eles, um pouco de suas histórias e intimidades. Um dos colegas ao qual Silva criou uma grande admiração foi Esteves, “sem metafísica”, com quase cem anos de idade, era um senhor muito conhecido no asilo por ser o homem a quem o poeta Álvaro de Campos mencionou em seu poema “Tabacaria”. Sr. Silva se encanta com que aquele homem representa e se refere ao mesmo como uma “lenda viva”.

Na narrativa, os Silvas tinham suas singularidades, visto que cada um possuía suas perspectivas, seus problemas e suas dores diferentes, mas mesmo com todas essas divergências serviu para que os aproximassem mais e trouxessem alguma completude, de alguma forma, ao Sr. Silva, já que se sentia tão vazio e culpado por suas ações passadas, fazendo com que essa amizade o deixasse mais leve e melhor humorado quando estava junto dos mesmos. A afinidade entre eles foi crescendo aos poucos e, junto disso, a diversão e as brincadeiras:

o américo é que nos veio deitar. não percebeu exactamente o que ali se passava, mas era nítido que baralhávamos as pessoas e as incomodávamos. começou a enxotar-nos para que nos apartássemos e fôssemos asneirar independentemente, que juntos fazíamos canalhice. parecem putos, dizia ele, não zangado, mas interessado em impor ordem. não têm vergonha na cara, estes homens desta idade, parecem putos. éramos velhos tolos a trazer da tolice uma promessa de vida qualquer (HUGO MÃE, 2016, p. 89).

No trecho acima é perceptível a intimidade crescente dos idosos, uma vez que estavam juntos a tirar sarros de outros internos e faziam brincadeiras na hora destinada para dormir, tanto que foi necessário que o cuidador Américo os colocasse para dentro e os separassem para que pudessem parar com as brincadeiras em horários indevidos, comparando-os com crianças malcriadas que não sabem o que fazem, enquanto os idosos tentavam se assegurar nas mínimas alegrias.

A amizade, de certa maneira, fazia com que os momentos dentro do asilo fossem mais leves. Os idosos se divertiam com as mínimas felicidades, buscando de certa forma, com que suas vidas monótonas fossem um pouco que seja, mais alegres e divertidas. Enquanto estava em meio aos seus amigos, o idoso poderia esquecer o que lhe afligia o que lhe preocupava as suas tristezas, se permitindo, mais uma vez, ter um pouco de alegria, fazendo assim que sua passagem pelo lar pudesse ser mais suportável.

O inconsciente e os sonhos também foram processos significativos na vida idoso, mesmo que a maioria do tempo esses pesadelos representassem o medo e o receio pela morte. Assim, diante do sentimento de sua eminência, percebe-se que por meio desses sonhos, foi a maneira que o subconsciente encontrou de tentar externalizar aquilo que estava sendo guardado por tanto tempo pelo Sr. Silva, uma vez que Ribeiro (2019) afirma: “os sonhos alegóricos, por outro lado, são aqueles que significam uma coisa por meio de outra” (RIBEIRO, 2019, p. 26). Dessa forma, é

necessário entender que esses sonhos não só representavam a morte ao qual o idoso temia, mas existia uma construção mais profunda em relação a tal pensamento.

Os pássaros contidos nos sonhos do narrador-personagem não só o vieram atormentar a noite e digerir seus intestinos, mas sim, agir também como “agente regenerador” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1982, p. 52), ajudando e consumindo aquilo que não o fazia bem. Os abutres não só desfaziam a carne do corpo do idoso, mas sim, digeriam a sua própria memória, seus antigos conceitos, os seus medos, suas concepções, devoravam tudo que não lhe acrescentava mais. Dessa forma, o inconsciente ajudou a lembrar, mas também a esquecer, trabalhando com a aceitação de um passado e de talvez um futuro, entendendo que já passou e não pode o atormentar mais.

A mudança de Sr. Silva se dá de diversas formas, primeiramente após seu grande processo de desprendimento de sentimentos passados e que aconteceu de maneira gradativa. O desenvolvimento no narrador-autodiegético, de certa forma, dá lugar a novas sensações e a um novo momento da vida ao qual o senhor pode ser mais aberto com seus próprios sentimentos, bem como a sua externalização. A conscientização sobre o passado, e um novo momento de leveza, atingiu o Sr. Silva, fazendo com que o idoso tirasse um peso das costas. Assim, com essa nova atmosfera e a proximidade com suas novas amigas, desde a morte da esposa, se tornou finalmente um porto seguro, como afirma o Sr. Silva:

como se o esteves fosse nosso, e nós, eu e o silva da europa, e o senhor pereira e mais o anísio dos olhos de luz, fôssemos uma família, uma outra família a qual eu não tinha esperado. unida sem parcelas de sangue, apenas no destino da solidão uns pelos outros [...] era uma irmandade de coração, uma capacidade de ser leal como nenhuma outra. (HUGO MÃE, 2016, p. 250).

É possível perceber nesse momento da narrativa como houve uma mudança significativa e benéfica para a saúde física e mental do idoso, uma vez que reconhece que aqueles que o conheceu no asilo são pessoas que realmente se importam com ele e tem um espaço em seu coração, ao qual estavam dispostos ao escutar, fazer conversas paralelas e o acolher quando sentia medo de seus pesadelos. A partir daí criou-se uma relação que não se achava que se criaria, em um momento tão delicado da vida de ambos, na qual o sentimento de acolhimento e a ajuda trouxeram ao idoso um outro significado de família:

eu nunca teria percebido a vulnerabilidade a que um homem chega perante o outro. nunca teria percebido como um estranho nos pode pertencer, fazendo-nos falta. não era esperada aquela constatação de que família também vinha de fora do sangue, de fora do amor ou que o amor podia ser outra coisa, como uma energia entre as pessoas, indistintamente, um respeito um cuidado pelas pessoas todas (HUGO MÃE, 2016, p. 251).

Dessa forma, é perceptível a consciência do significado de uma verdadeira família ao perceber sua própria vulnerabilidade, porém, essa vulnerabilidade surgiu como algo bom, trazendo novas sensações, como a de pertencimento, depois de tanto tempo desde a perda da esposa, graças a essa nova família e esse vínculo que foi criado.

Esses laços foram crescendo cada vez mais, ao ponto de tomarem as dores uns dos outros, ficarem tristes e alegres com as situações vivenciadas entre eles. Assim, é a partir desse momento que se reconheceu família e entendeu que, em uma relação de companheirismo e amizade, não necessita de um vínculo sanguíneo para os ligar como família, sendo o momento em que ele descobriu um pouco mais sobre a vida e, a partir daí, se permitindo a sentir, sofrer, chorar, gostar dos amigos, dormir em suas camas as noites, sem ter medo e falar de seus sentimentos.

Ao final foi possível ver um protagonista mais livre e consciente com sua vida e suas amizades, uma pessoa mais leve, que no final preserva cada amizade e sofria com a perda delas, ao mesmo tempo que se tornou uma pessoa bem-humorada, mais carinhosa, companheira e humana. Todo esse processo final de sofrimento, memórias e sentimentos, causados pela ditadura, foi minimizado por suas amizades. Enquanto já se encontrava com suas debilidades e estava em repouso.

Diante das angústias da morte do Sr. Silva, Valter Hugo Mãe mostra que “a inconsciência apaga as dores, claro, e apaga as alegrias” (HUGO MÃE, 2016, p. 47). Porém, não apaga as memórias de um passado que assolou uma população durante muito tempo. Segundo Halbwachs (1990), as memórias que são criadas em coletivo não se perdem facilmente. O fato das lembranças do Sr. Silva irem junto de si, não significa que elas não mais existem, pois, a ditadura, na obra, não se trata de uma mera passagem, mas sim de um momento que causou profundas feridas.

São indubitáveis as marcas do período de ditadura deixadas no idoso e, conseqüentemente, refletimos o que foi a realidade de muitos portugueses, visto que o período de repressão os amedrontava e os perseguia durante os seus dias, como

os abutres perseguiram o idoso todas as noites. É perceptível que as marcas deixadas no idoso trazem aversão a tudo o que um dia foi proposto pela ditadura e que será uma marca inapagável na história.

Nesse sentido, a obra traz diversas consciências, dentre elas, históricas e sociais, uma vez que se é debruçado em como a sociedade vê os idosos, mas também como reflete suas consciências históricas. Enquanto estamos diante de seus sentimentos de impotência e dos danos irreparáveis causados pela ditadura, Jerónimo Pizarro (2016), em seu artigo intitulado *Notas sobre a máquina de e não só*, também pertencente ao livro *Nenhuma palavra é exata*, afirma que: “[...] esses homens, apesar de serem bons, caíram no fascismo e ainda não construíram uma nova cidadania, livre dos lastres de um passado autoritário e opressivo” (PIZARRO, 2016, p. 183). Referente ao capítulo do livro, o fascismo dos bons homens, que de certa forma representa a maneira de governo, levaram diversos portugueses à individualidade de pensar no seu próprio eu e esquecer dos demais.

Em suma, a obra reflete momentos em que o Sr. Silva volta a acreditar nos homens e na leveza de que as amizades trazem algum acalento para tanto sofrimento vivido. Hugo Mãe traz em sua obra a lembrança da ditadura não somente para tentar manter tal memória ruim viva, mas para conscientizar que, a partir dos malefícios provocados por governos autoritários, situações como essas não venham a se repetir, alertando, de acordo com seu conto, as consequências advindas de líderes autoritários. Portando, vê-se como a vida do idoso foi recheada de sofrimentos causados pelo período e traz nele esse reflexo dos portugueses. No final, Sr. Silva consegue, de alguma maneira, se libertar de tais memórias, mas para inúmeros portugueses, trata-se de um momento inesquecível.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na pós-modernidade, a memória e os sonhos têm cada vez mais espaço para serem expressos, uma vez que a literatura tem, por meio da memória, a possibilidade de revisitação da história. Por meio disso, a nossa pesquisa tem por objetivo analisar a memória política da ditadura salazarista presente na obra *de A máquina de fazer espanhóis* (2016), de Valter Hugo Mãe, uma vez que busca perceber como ela está presente no romance e como esse período foi apresentado por meio dos olhos de António Jorge da Silva e seus colegas do lar, a perceber que o período o afetou direta e indiretamente. Visto isso, suas descrições foram de embasamento teórico para responder tal objetivo e aos questionamentos.

Diante disso, no primeiro questionamento, que propunha entender como a memória salazarista atravessa o romance, acredita-se ter chegado a tais respostas, pois em vários momentos da narrativa fica claro que o passado coletivo vivido pelo Sr. Silva e os demais idosos, na obra, é um assunto tratado e discutido em rodas de conversas, a medida que vai se passando os acontecimentos, mais imersos os idosos se encontram em seu passado e, conseqüentemente, dentro da ditadura. É perceptível a maneira que o salazarismo passa a ser um assunto do dia a dia dos idosos e os flashbacks e lembranças do passado de Sr. Silva se tornam constantes.

Além de trazer, também, junto de seu passado, em suas linhas, os seus sentimentos, dificuldades e arrependimentos do período vivido. Essas lembranças vão aprofundando o leitor a ingressar junto do idoso dentro de tal período, e perceber como foi um período difícil na vida dos idosos e o passado de Portugal, para entender também como isso interfere em seu presente e futuro dentro da obra. Esse passado os cercou de diversos sentimentos, como: impotência, medo, repressão e culpa.

Levando em consideração essas reflexões, é possível perceber que depois de sua entrada no asilo, a sua decisão de documentar os seus dias, influenciado pelos colegas e movido por seus próprios sentimentos. É perceptível que o Sr. Silva inicia o refrescamento de suas memórias, uma vez que, imerso dentro de seu passado, diante das lembranças dos amigos do lar, encontra-se mais uma vez diante das decisões que foram tomadas para que pudesse passar por aquele período da melhor maneira possível. Essas conversas de cunho memorialista fazem com que o idoso, aos poucos, relembre e abra um caminho para um reconhecimento de si próprio. Portanto, se percebe assim, como acontece a rememoração do narrador-personagem.

Desse modo, percebemos que à medida que o Sr. Silva foi retornando ao seu passado, se criou um vínculo entre sua memória individual e coletiva na obra, uma vez que a memória individual se referia as suas próprias vivências, pensamentos e sentimentos, aos momentos vividos por si dentro da realidade da ditadura de Salazar, como se deu a sua vida durando esse momento, suas tristezas e alegrias, mesmo que poucas. A maneira que encontrou para lidar com diversas realidades e o fato de conseguir viver com o que tinha e com sua família durante um período tão amedrontador e repressor.

Enquanto a memória coletiva vinha representar o momento histórico refletido nos senhores do lar. Que a medida que se aproximava, mais contato com o passado o Sr. Silva encontrava. Esses senhores - os silvas - que vem na obra como representação também dos portugueses, ajudam ao senhor a lembrar de seu passado, enquanto tentam viver o seu presente. A partir desse maior contato com suas memórias e sentimentos, é trazido à obra, em busca de entender um pouco de como esse passado afetou e afeta seu inconsciente por meio de sonhos.

Os sonhos na narrativa vêm representar também como essas memórias traumáticas interferem no interno das pessoas. O ato de rememorar, para Sr. Silva, não trouxe só as lembranças boas para si, mas também seus sentimentos antigos e ruins que assolam e o consomem as noites por meio de pesadelos com corvos, que simbolicamente representam para o idoso o quanto o seu passado ainda o devorava, junto aos seus sentimentos ruins e suas tristezas, para que ele pudesse ser liberto no final.

Por fim, ao analisar a obra de Valter Hugo Mãe, é perceptível como a ditadura foi um momento difícil na vida do idoso e aos demais senhores do asilo, uma vez que o período pré-moldou os pensamentos do Sr. Silva por muito tempo. E como o resgate tanto individual, como coletivo, foram de suma importância para se entender um pouco mais de como se deu a construção da narrativa, também como o idoso foi utilizado como um elo para se entender mais sobre o fato histórico ditadura.

Diante dessas concepções, nota-se como a memória da ditadura em *A máquina de fazer espanhóis*, foi de suma importância para se entender um pouco da formação do personagem, seus pensamentos, suas tristezas, alegrias e dificuldades presente durante todo o período ditatorial, e como estudos dessas perspectivas são importantes para perceber que tais períodos históricos não podem ser repetidos, visto como foi

devastador para inúmeras vidas, em um passado não tão distante, com um assunto tão denso.

A obra traz diversas opções para serem estudadas em trabalhos posteriores a esse, como, por exemplo, refletir aspectos da memória, além de se debruçar nos conceitos de sonho, inconsciente e mundo onírico, também é possível usá-lo para entender um pouco como é a visão da morte para a sociedade, e a visão de quem está realmente a espera da morte.

REFERÊNCIAS

- BIRMINGHAM, David. **História concisa de Portugal**. Tradução de Daniel M. Miranda. São Paulo: EDIPRO, 2015.
- BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Editora Ática S.A, 1985.
- CANDIDO, Antonio. **A personagem do romance**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1968.
- CHEVALIER, Jean *et al.* **Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)**. 16.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.
- DURÃO, Fabio Akcelrud. Reflexões sobre a metodologia de pesquisa nos estudos literários. **DELTA**, p.377-390, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-445014919759499939>. Acesso em: 17 mar. 2023.
- HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução de Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MAMEDES, Kelly Cristina da Costa Bezerra de Menezes. **O Império romano e poder da igreja cristã: bispos e homens santos, e a atuação política nas cortes imperiais do IV ao VI século**. *Veredas da História*, v.12, n.2, p.64-68, dez.2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/rvh/article/view/47831>>. Acesso em 17 de março. 2023.
- MÃE, Valter Hugo. **A máquina de fazer espanhóis**. 2ª ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.
- _____, **O apocalipse dos trabalhadores**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017.
- _____, **O remorso de baltazar serapião**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2018.
- _____, **O nosso reino**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2019.
- NOGUEIRA, Carlos. **Nenhuma palavra é exata: Estudos sobre a obra de Valter Hugo Mãe**. Portugal: Porto Editora, 2016.
- RIBEIRO, B. S. **As representações da memória no romance A máquina de fazer espanhóis de Valter Hugo Mãe**. 2017, 109 f. Dissertação (Mestrado em Letras). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2017.
- RIBEIRO, Sidarta. **O oráculo da noite**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ROSAS, Fernando (org.). **Revolução Portuguesa 1974-1975**. Portugal: Edição Tinta-da-china, 2022.

Vida Simples. **Valter Hugo Mãe e a Memória que permanece**. Disponível em: <https://vidasimples.co/transformar/valter-hugo-mae-e-a-memoria-que-permanece/>. Acesso em: 18 mar. 2023.